



OLHARES

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - UNIFESP

**O PROJETO DE VIDA É SOBREVIVER:  
tecnologia, corrupção e fome**

EL PROYECTO DE VIDA ES SOBREVIVIR:  
tecnología, corrupción y hambre

THE LIFE PROJECT IS TO SURVIVE:  
technology, corruption and hunger

Lilian Raquel Soares da Silva  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)  
lyraket@gmail.com

Andrea da Silva Marques Ribeiro  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)  
andrea.silva.ribeiro@uerj.br

**Resumo:** O objetivo deste texto é refletir e discutir criticamente as relações entre a demanda tecnológica frente ao cenário educacional “pós-pandemia” com o ensino remoto diante das gritantes necessidades básicas enfrentadas por crianças e jovens em fase escolar da educação básica e como correntes sombrias no cenário contemporâneo político do Brasil têm despendido grande energia em aumentar os vários fossos existentes entre a realidade e uma oferta de projeto de vida que se aproxime da dignidade e esperança que estes precisam e merecem. Tal discussão é pautada por uma metodologia de base qualitativa e de perspectiva interpretativista (GIL, 2010, LAKATOS e MARCONI, 2003). Apresenta também características da pesquisa documental, pois baseia-se na análise de documentos públicos, tais como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Mapa da Nova Pobreza elaborado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), dentre outros. Para consubstanciar o estudo, também lançamos mão de dados oriundos de reportagens de veículos de grande circulação como a Revista Veja. Aponta alguns problemas e desafios nessa jornada entre o que se tem e o que se espera dessa relação entre estudante, currículo e futuro, relata como a política tem colaborado pouco para qualquer melhoria e, nesse sentido conclui que, na balança de responsabilidades, o lado do professor pesa bastante no que tange ser protagonista de uma necessária revolução em prol da autonomia e ruptura, dele e dos futuros cabeças ou caudas da sociedade.

**Palavras-chave:** Tecnologia educacional. Carência alimentar. Pedagogia Conscientizadora.

**Resumen:** El presente texto tiene como propósito reflexionar y discutir críticamente la relación entre la demanda tecnológica frente al escenario educativo “post pandemia” con la enseñanza a distancia frente a las flagrantes necesidades básicas que enfrentan los niños y jóvenes en la etapa escolar de educación básica y como corrientes oscuras en el escenario Los políticos brasileños contemporáneos



han gastado gran energía en aumentar las diversas brechas existentes entre la realidad y una oferta de proyecto de vida que se acerque a la dignidad y esperanza que necesitan y merecen. Esta discusión está guiada por una metodología cualitativa y una perspectiva interpretativa (GIL, 2010, LAKATOS y MARCONI, 2003). También presenta características de investigación documental, ya que se basa en el análisis de documentos públicos, como el Programa Nacional de Alimentación Escolar (PNAE) y el Nuevo Mapa de Pobreza elaborado por la Fundación Getúlio Vargas (FGV), entre otros. Para fundamentar el estudio, también utilizamos datos de informes de vehículos de gran circulación como la Revista Veja. Señala algunos problemas y desafíos en este viaje entre lo que es y lo que se espera de esta relación entre estudiante, currículo y futuro, relata cómo la política ha contribuido poco a cualquier mejora y, en ese sentido, concluye que, en el balance de responsabilidades, el lado El papel del maestro pesa mucho en cuanto a ser el protagonista de una revolución necesaria a favor de la autonomía y la ruptura, para él y los futuros cara o cruz de la sociedad.

**Palabras clave:** Tecnología Educativa. Escasez de alimentos. Pedagogía Consciente.

**Abstract:** The purpose of this text is to reflect and critically discuss the relationship between technological demand in the face of the “post-pandemic” educational scenario with remote teaching vis-a-vis glaring basic needs faced by children and young people in the school phase of basic education and as dark currents in the scenario Brazilian contemporary politicians have spent great energy in increasing the various existing gaps between reality and an offer of a life project that approaches the dignity and hope that they need and deserve. This discussion is guided by a qualitative methodology and an interpretivist perspective (GIL, 2010, LAKATOS and MARCONI, 2003). It also presents characteristics of documentary research, as it is based on the analysis of public documents, such as the National School Feeding Program (PNAE) and the New Poverty Map elaborated by the Getúlio Vargas Foundation (FGV), among others. To substantiate the study, we also made use of data from reports by wide circulation vehicles such as Veja Magazine. It points out some problems and challenges in this journey between what is and what is expected from this relationship between student, curriculum and the future; it reports how politics has contributed little to any improvement and, in this sense, concludes that, in the balance of responsibilities, the role of the teacher weighs heavily in terms of being the protagonist of a necessary revolution in favor of autonomy and rupture, for them and the future heads or tails of society.

**Keywords:** Educational technology. Food shortage. Conscious Pedagogy.

## Fundamentando o estudo

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é um documento normativo e instrumento para a melhoria da qualidade da educação em todo o país, estabelecendo os conteúdos programáticos, objetivos de aprendizagem e orientações metodológicas para a Educação Básica, tendo o Ministério da Educação (MEC) para amparar de maneira técnica as unidades escolares, e o Conselho Nacional de Educação para garantir a participação da sociedade levando ao Ministro da Educação os resultados das audiências públicas em prol desta construção.

Com o anseio de desenvolver os aspectos pessoais, emocionais e profissionais dos estudantes, o Projeto de vida, desde os anos iniciais, parte de um pressuposto vinculado a compreensão do estudante sobre questões subjetivas ligadas ao seu espaço no mundo.



Nessa perspectiva, os estudantes dos anos finais deverão percorrer os caminhos dos anos finais do ensino fundamental, maturando seu papel social e refletindo acerca de suas emoções até alcançar o ensino médio, abarcando, assim, uma reflexão mais profunda sobre a construção do futuro, tateando pontos como carreira, por exemplo.

Com vistas a trazer um olhar direcionado sobre questões expressivas que orbitam ao redor da Base Nacional Comum Curricular no que concerne o Projeto de Vida em um país tão desigual como o Brasil, é preciso atentar para os inúmeros fossos que, se não observados e devidamente tratados, podem inviabilizar não só o projeto, mas sim a vida dos estudantes, especialmente da rede pública de educação.

A análise realizada neste estudo tem por base o conceito de ruptura no ensino de SEVERO (2010), fortemente impulsionada pelo cenário pandêmico e a gama de benefícios, mas também carências que ele desnudou em nosso país. Em como a tecnologia, aliada fiel em tempos de necessidade de isolamento, tentando evitar ao máximo que a vital roda da educação não parasse, necessita que nós, viventes do cotidiano escolar, estejamos vigilantes e atuantes para que a tecnologia num panorama geral, não nos transforme em um recurso neotecnicista.

Em consonância com MILLER (2014), abarcamos seu estudo sobre a teorização do currículo, que trilha um viés ligado a “oposição à incessante insistência na certeza” (MILLER, 2014, p.14), enaltecendo, quase como uma filosofia de vida docente, a necessidade constante reflexão sobre “nosso trabalho em currículo como seres humanos que diariamente reconhecem sua própria incoerência, incompletude e os aspectos sempre necessariamente em-construção do currículo bem como a relacionalidade das identidades.” (MILLER, 2014, p.19)

Não obstante, a perspectiva crítica de Freire (1996) robustece o qual delicado e exigente é o ato de ensinar, fomentando uma reflexão mais ampla sobre como aspectos de criticidade, condicionamento, bom-senso e comprometimento estão arraigados à profissão docente. Assim, as ações pedagógicas precisam ser pautadas por propostas que considerem os diferentes condicionalismos e variáveis típicas das vidas discentes, geralmente repletas de sonhos e aspirações.

Dessa forma, o presente estudo lança mão desses prismas teóricos, alinhando-se a uma metodologia alicerçada na pesquisa qualitativa de natureza interpretativista de dados contemporâneos levantadas de órgãos federais, internacionais e fontes jornalísticas. Tais dados foram abordados de forma crítica de modo que seja possível “realizar uma apreciação pessoal e mesmo emissão de juízo sobre as ideias expostas e defendidas.” (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 32)



## Fosso digital e pedagogia da ruptura

Na sociedade contemporânea, não se pode negar a relevância do uso de tecnologias de comunicação e informação. No entanto, trilhando um caminho oposto ao seu protagonismo, professores e estudantes peregrinam rumo a uma abissal desigualdade no que se refere ao acesso à tecnologia e competências instrumentais para uso das mesmas.

Nesse cenário, as variáveis são incontáveis, mas dentre as principais, podemos destacar a desigualdade social, acesso à tecnologia, tanto no que concerne equipamentos, quanto questões de acessibilidade e conexão. Para conseguir romper a barreira do acesso, é preciso atentar para aspectos de qualidade e compatibilidade, observando a necessidade de atualizações, que ocorrem em um tempo muito mais rápido e dinâmico, difícil de ser acompanhado por grande parcela da população.

ajuste de rotinas domésticas para aulas remotas, falta de acúmulo de experiências formativas e profissionais, impactos psicossociais do isolamento, dificuldade de adaptar os projetos curriculares a atividades remotas e de estudo auto-regulado, entre outros desafios, têm feito do ensino remoto um cenário de experimentações espontâneas com qualidade questionável, apesar de todo esforço e mérito que isso representa, pois não alcançam a complexidade do trabalho pedagógico que defendemos. (SEVERO, 2021, p. 5)

Não podendo deixar de considerar também a tsunami de aplicativos, plataformas, ambientes de aprendizagem que brotam como margaridas diariamente, se tornando mais um rolo compressor na rotina dos atores do cenário educacional. Construções estas que muitas vezes surgem das mãos de quem não conhece a escola e nem faz parte do seu corpo, sendo “discursos entusiastas de agentes sociais que proclamam a reinvenção da escola por ela estar usando recursos ou plataformas A ou B (o grau de entusiasmo aumenta se quem estiver proclamando é quem vende ou desenvolve esses instrumentos para a escola)”(SEVERO, 2021, p.4).

Em novembro de 2020, em pesquisa feita pelo *United Nations International Children’s Emergency Fund*, em português, Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), aproximadamente 1,5 milhão de crianças/adolescentes da faixa etária entre 6 a 17 anos não frequentavam de modo remoto ou presencial a escola no país. Uma outra parcela, que totalizou 3,7 milhões de estudantes matriculados, não tiveram acesso a atividades escolares e não conseguiram estudar em casa.

Vindo como um norte de disrupção no processo de estressar a reflexão sobre o ensino remoto, não como um escopo de trabalho definido, Severo diz que a pedagogia da ruptura:



É, na verdade, uma ideia que captura criticamente a possibilidade de questionar e problematizar a normalidade regida pela continuidade de práticas didático-curriculares que se dão sob a influência de políticas neoliberais, verdadeiros vírus que acometem nossas escolas. (SEVERO, 2021, p.3)

As políticas neoliberais marginalizam o espaço virtual que configurou nossa sala de aula durante e após a pandemia. Paradoxalmente, a flexibilização do currículo engessou a possibilidade de uma construção no qual a atuação docente poderia colaborar efetivamente para um processo de ensino e aprendizagem mais criativo, autônomo e dinâmico.

Sem desconsiderar, portanto, os efeitos que o discurso de que “a educação não pode parar” na vida e no trabalho de professores(as), cujos cotidianos foram afetados por uma intensificação de demandas que desbotam ainda mais a linha que separa o espaço privado do espaço público— já tênue antes da pandemia –, entendemos que o volume de experiências de ensino remoto produzidas ao longo desse tempo deve ser sistematizado didaticamente para constituir uma inteligência pedagógica capaz de sustentar a crítica, a proposição e a transformação das estratégias que têm sido usadas, às vezes de modo pouco reflexivo. (SEVERO, 2021, p.7)

Mesmo não sendo uma regra de atuação pedagógica, essa rotura advém de um sentimento de apropriação da prática docente em prol da garantia do direito à ela, através da dinamicidade, colaboratividade e criatividade de quem faz o cotidiano escolar.

Severo (2021) alinha esse racional com base em quatro conjecturas que fomentam a reflexão sobre como foi e tem sido o processo de ensino remoto e percebemos.

Na primeira conjectura, constata-se que, como coletivo, ainda não estamos prontos para que essa oferta ocorra de maneira eficiente e eficaz, e:

Essa possibilidade se amplia quando o corpo docente de uma escola se mobiliza em torno de uma pauta de estudo e experimentações didáticas como fontes de inovação e socialização de referências que gerem suporte mútuo. (SEVERO, 2021, p. 7)

Na segunda conjectura, o autor salienta a pertinência da cultura do registro especialmente para este momento crítico e anômalo da humanidade. Afinal, pandemias marcam a história de maneira bastante espaçada, felizmente. Essa prática estimula a criação de insumos que venham a munir o corpo docente, individual e coletivamente, com um repertório de situações, acertos, objetivos e erros, para que sejam reestruturados e relançados numa versão otimizada, com a possibilidade de alcançar novos propósitos ou até os propósitos iniciais de sua versão primária com maior assertividade.

Em terceiro, a relação entre presença x interação x engajamento. Por mais que pareçam consonantes, na realidade, são percepções bastante distintas até na sala de aula presencial, onde nós professores conhecemos bem a sensação do olhar vazio de um de estudante que, durante algum momento de nossa fala, demonstra não ter absorvido algum conceito por estar mentalmente desconectados e/ou desinteressado. Um corpo presente



não significa que esteja havendo interação e muito menos que este esteja engajado e quando levamos essas premissas para o remoto, aí que a possibilidade desse ideal esfriar aumenta, já que, contando com o melhor cenário onde o estudante têm os recursos tecnológicos, ambiente e suporte para as aulas, basta desligar a câmera para que a morte em Matrix<sup>1</sup> e no mundo real aconteça. RIP<sup>2</sup>...Fulano foi desplugado.

O olhar atento do docente sobre os pontos acima citados somado ao planejamento de estratégias para oportunizar o melhor aproveitamento das relações entre tempo e espaços nossos e dos alunos, ambicionando a aprendizagem significativa para fortalecimento da autonomia, criticidade e emancipação de seus estudantes, tanto numa perspectiva acadêmica, quanto social, se faz necessário.

O quarto pressuposto vem como um reforço ao anterior no sentido de robustecer nosso repertório de ferramentas, metodologias e técnicas para alcançarmos o melhor resultado positivo em nossa prática docente. Afinal, é insanidade esperar um resultado diferente quando executamos o mesmo processo várias e várias vezes do mesmo *modus operandi*<sup>3</sup>.

É compreensível a relevância da pauta “tecnologia” em tempos de aula online, mas lançando um olhar minimamente atento às demandas do povo brasileiro, há tópicos que gritam por atenção, por serem fundamentais para sobrevivência fisiológica do ser humano, pois como dialogar com um estudante em estado de insegurança alimentar sobre, por exemplo, os benefícios do 5G?

## **Darwinismo<sup>4</sup> à brasileira: discutindo os fatos e dados**

Em terras onde uma das prioridades para os 100 primeiros dias do atual governo é a regulamentação do *homeschooling*<sup>5</sup>, há de se refletir cuidadosamente sobre os parâmetros para elencar as prioridades da população. Quando tratamos especialmente de crianças e adolescentes, foco deste artigo, atores do cenário escolar na educação básica que, além de precisarem superar as barreiras naturais deste ambiente e da vida, contam com variáveis inesperadas como a pandemia e uma dedicação peculiar de regentes do Estado em criar novos empecilhos.

1 Matrix é um filme da década de 90, que conta a história de um jovem hacker (Neo) convocado para liderar uma luta contra a dominação dos humanos pelas máquinas, através de Matriz, uma simulação da realidade para manter a humanidade sob seu domínio e sugar sua energia. O ato de ser desplugado em Matrix, significa a morte do indivíduo em qualquer versão de mundo que ele esteja inserido, seja real ou virtual.

2 R.I.P é a sigla para Rest In Peace, que em português significa “Descanse em paz”. Também é utilizada de maneira cômica quando algum serviço online é interrompido ou alguém se desconecta.

3 Modus Operandi - É uma expressão em latim que significa a maneira através da qual uma pessoa ou uma associação, empresa, organização ou sociedade, trabalha ou realiza suas ações.

4 Darwinismo é o nome dado à teoria evolucionista baseada nas ideias de Charles Darwin. que defende a descendência com modificação, contrapondo, portanto, a ideia fixista de que as espécies são imutáveis. (Mundo Educação)

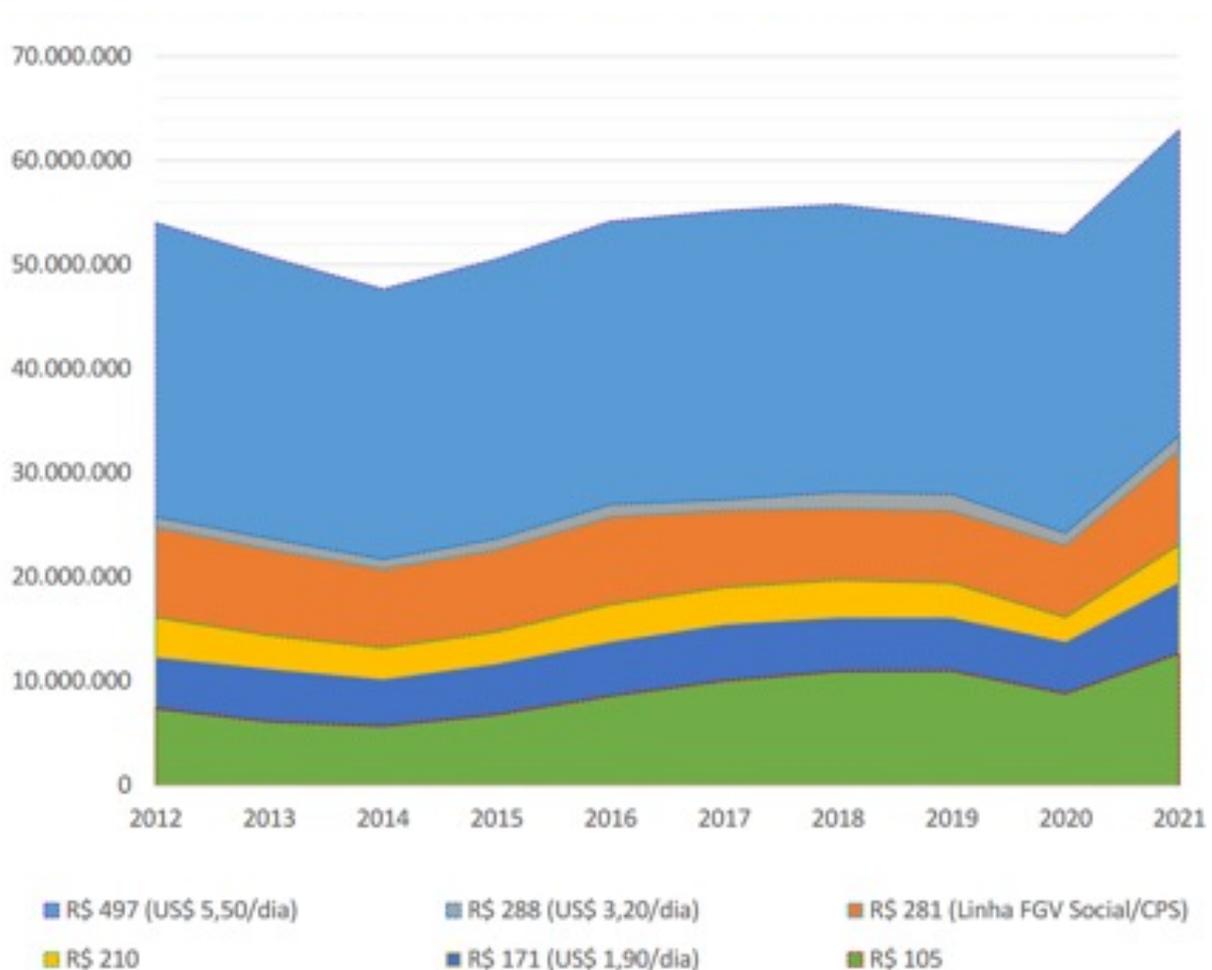
5 Homeschooling - Termo de língua inglesa que significa “educação escolar em casa”. Nessa modalidade, o estudante não frequenta a escola tradicional, sendo educado em casa, geralmente pelos seus pais, que participam ativamente do processo de formação intelectual dos seus filhos, defendendo que as crianças ganham mais segurança, conforto e qualidade, pois têm a atenção toda para elas.



Tal qual outros espaços precisaram se ajustar ao novo panorama de cotidiano imposto pelo Covid-19, a escola também sofreu e sofre duras penas acerca do pedagógico e em seu papel social.

Tendo como alvo a população brasileira que está em situação de pobreza, abarcamos quase 63 milhões de indivíduos cujas renda por pessoa não ultrapassava R\$497,00/mês em 2021 (imagem 1). Segundo o Mapa da Nova Pobreza, resultado da pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), crianças e adolescentes são os mais afetados por esta crise, a desigualdade monetária foi acentuada deixando-os ainda mais vulneráveis às intempéries pós-pandêmicas.

Figura 1 – Mapa da nova pobreza - População pobre segundo várias linhas de pobreza mensais

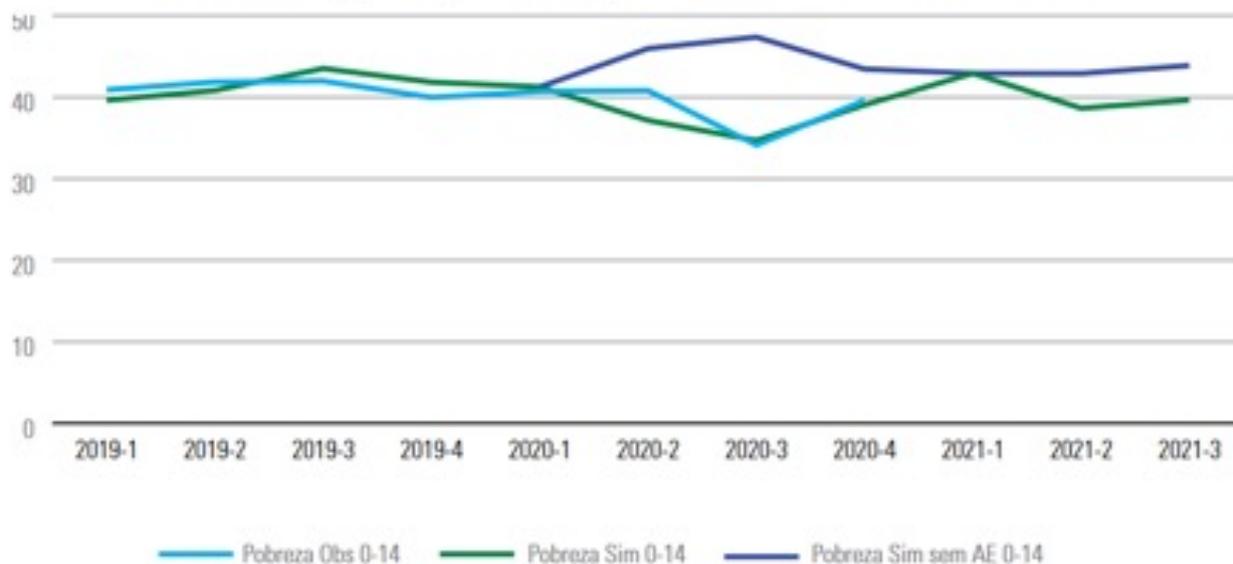


Fonte: FGV Social, a partir dos microdados da PNADC/IBGE - Página 2  
<[https://www.cps.fgv.br/cps/bd/docs/Slides-MapaNovaPobreza\\_Marcelo\\_Neri\\_FGV\\_Social-1pp.pdf](https://www.cps.fgv.br/cps/bd/docs/Slides-MapaNovaPobreza_Marcelo_Neri_FGV_Social-1pp.pdf)>.

Trazendo um olhar mais específico sobre crianças e adolescentes, a UNICEF ressalta que eles são os mais afetados pela pobreza monetária e pela pobreza monetária extrema no país, de maneira proporcional (UNICEF, 2021).



Figura 2 – Gráfico sobre a pobreza observada e simulada (com e sem Auxílio Emergencial) de crianças e adolescentes de 0 a 14 anos



Fonte: Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) Pobreza infantil monetária no Brasil, página 17. <<https://www.unicef.org/brazil/media/17881/file/pobreza-infantil-monetaria-no-brasil.pdf>>.

Quando falamos de pobreza, falamos de fome e diante dela em um ambiente escolar, devemos ponderar o objetivo estabelecido no Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) Lei nº 11.947 de 2009 (BRASIL, 2009) que:

Art. 2o VI - o direito à alimentação escolar, visando a garantir segurança alimentar e nutricional dos alunos, com acesso de forma igualitária, respeitando as diferenças biológicas entre idades e condições de saúde dos alunos que necessitem de atenção específica e aqueles que se encontram em vulnerabilidade social.

Art. 3o A alimentação escolar é direito dos alunos da educação básica pública e dever do Estado e será promovida e incentivada com vistas no atendimento das diretrizes estabelecidas nesta Lei.

Art. 4o O Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE tem por objetivo contribuir para o crescimento e o desenvolvimento biopsicossocial, a aprendizagem, o rendimento escolar e a formação de hábitos alimentares saudáveis dos alunos, por meio de ações de educação alimentar e nutricional e da oferta de refeições que cubram as suas necessidades nutricionais durante o período letivo. (BRASIL, 2009)

A perda de renda acentuada causada pela pandemia deu à escola, em escala muito maior do que em outros tempos, a responsabilidade de ser a única fonte de alimentação de crianças e adolescentes no país, havendo relatos tocantes de ações sociais desenvolvidas por diretores e professores de escolas públicas, os quais buscavam redirecionar uma porção da merenda que sobrava em dias com alunos faltantes para que os estudantes levassem comida para seus responsáveis, tudo de modo extraoficial por



ir de encontro às regras do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), cuja finalidade é atender exclusivamente os estudantes. Mas como ser gestor ou professor e não mover seu coração por uma razão humanitária? Que tipo de escola somos se assim não pensarmos e agirmos?

Mas onde aparece esse darwinismo à brasileira? Essa receita bombástica tem deixando o caldo cada vez mais ralo e insípido, pois em 10 de agosto de 2022, o Chefe do Poder Executivo vetou o reajuste do repasse para estados.

Os valores repassados pela União a estados e municípios por aluno/dia letivo de acordo com a modalidade, como informa o PNAE (2022), ou etapa de ensino é de R\$1,07 para creches, R\$0,53 para pré-escolas, R\$0,64 para escolas indígenas e quilombolas, R\$0,36 fundamental e médio, R\$1,07 por estudante de ensino integral, R\$0,32 para Educação de Jovens e Adultos (EJA), para programa de fomento à escolas de ensino médio Integral R\$2,00 e R\$0,53 para estudantes que frequentam atendimento educacional especializado no contraturno.

Por mais que compor esse prato também seja responsabilidade dos estados e municípios, o papel do governo federal tem função bastante relevante, levando em consideração o aumento da inflação em 11,73% em 1 ano, atingindo diretamente o valor da cesta básica. Com um peso considerável nas costas, eles esbarraram com uma variação acumulada nos valores de itens como batata e tomate que alcançaram, respectivamente desde janeiro, um aumento de 34,58% e 93,37%, segundo levantamento do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) segundo a Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimento.

Em setembro de 2022 surgiram relatos e fotos do almoço de uma EMEI em Minas Gerais, contendo ¼ de ovo, um punhado de arroz, algo que se assemelha a um vegetal e um outro item que não foi possível identificar.

O valor nutricional deste prato está muito aquém das necessidades de uma criança para seu pleno desenvolvimento cognitivo e físico. Segundo o endocrinologista e nutrólogo Durval Ribas Filho, Presidente da Associação Brasileira de Nutrólogos, (2016) “quem quer que seja o pai de uma doença, a mãe é uma alimentação deficiente”, reflexão que nos permite depreender que as bases da pirâmide de Maslow<sup>6</sup> destes indivíduos são fracas e porosas.

---

6 Pirâmide de Maslow - A hierarquia de necessidades de Maslow é uma teoria da psicologia proposta por Abraham Maslow em seu artigo “A teoria da motivação humana”, publicado em 1943 na revista *Psychological Review*. Maslow define cinco categorias de necessidades humanas: fisiológicas, segurança, afeto, estima e as de auto realização. Fonte: Brasil Escola.



Figura 3 – Refeição de EMEI do bairro Ipiranga, em BH



Fonte: [https://s2.glbimg.com/5Z5rfhx9rK\\_QwoMK3ty2IH9NHuU=/0x302:1200x1600/984x0/smart/filters:strip\\_icc\(\)/i.s3.glbimg.com/v1/AUTH\\_59edd422c0c84a879bd37670ae4f538a/internal\\_photos/bs/2022/B/w/hZOI18QWaOozR9PEJ1dQ/whatsapp-image-2022-08-16-at-12.14.27.jpeg](https://s2.glbimg.com/5Z5rfhx9rK_QwoMK3ty2IH9NHuU=/0x302:1200x1600/984x0/smart/filters:strip_icc()/i.s3.glbimg.com/v1/AUTH_59edd422c0c84a879bd37670ae4f538a/internal_photos/bs/2022/B/w/hZOI18QWaOozR9PEJ1dQ/whatsapp-image-2022-08-16-at-12.14.27.jpeg)

O ECA postula: Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; (BRASIL, 1990, p. 17)

Igualdade, acesso e permanência são palavras desconhecidas no vocabulário contemporâneo e desnivelado das crianças sobrantes desse país.

Ademais, outras frentes desse esquema de embotamento social têm avançado a passos largos, como a tentativa de corte de medicamentos essenciais do programa Farmácia Popular, o trabalho ativo contra a vacinação de Covid-19, no seu ignorante ponto de vista “gripezinha”, o que fortaleceu o ideal doentio dos grupos antivacina no país, o marco temporal indígena que simplesmente diz aos nossos povos originários que suas terras só podem ser chamadas de suas a partir da promulgação da Constituição, pregou o abaixo Paulo Freire, sem contar o ultrajante orçamento ~~nada~~ secreto, onde cerca de R\$16,8 bi estavam reservados à emendas do relator, as tais cujo rastro é difícil de seguir, batizando esse projeto de saque aos cofres nacionais. Destaca-se, por fim, que a proposta de aumento do PNAE previa um aumento de 1 bilhão e meio de reais, saindo dos 3,96 bi para 5,53, ponto vetado pelo presidente na Lei de Diretrizes Orçamentárias de 2023. Mas o inominável diria: “E daí?”.



## Projeto de sobrevivência

Ainda em meio a grandes escândalos envolvendo más notícias no campo pedagógico, como a queda no total de jovens matriculados no ensino médio em 5,3% segundo o Censo Escolar da Educação Básica de 2022, e também os resultados de 2021 do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), o percentual de crianças do 2º ano do ensino fundamental que ainda não sabem ler e escrever praticamente dobrou. Outros escândalos cada vez mais vergonhosos no campo financeiro, como o caso da Fundação Ceperj e os saques em espécie de R\$22 mi no último quadrimestre de 2021 feitos por funcionários alocados em cargos secretos, fundação esta que é responsável por uma escola de gestão e políticas públicas.

E como enfrentar crises pós-pandêmicas, se esquivar da corrupção estrutural em nosso país e falar de projeto de vida, desenvolvimento profissional, socioemocional e protagonismo do estudante quando toda esta cena é embalada por uma trilha sonora de segregação, estômagos roncando e miséria?

Podemos constatar que a vivência da juventude nas camadas populares é dura e difícil: os jovens enfrentam desafios consideráveis. Ao lado da sua condição como jovens, alia-se a da pobreza, numa dupla condição que interfere diretamente na trajetória de vida e nas possibilidades e sentidos que assumem a vivência juvenil. Um grande desafio cotidiano é a garantia da própria sobrevivência, numa tensão constante entre a busca de gratificação imediata e um possível projeto de futuro. (DAYRELL, 2007, p. 1108)

“Falo da resistência, da indignação, da “justa ira” dos traídos e dos enganados. Do seu direito e do seu dever de rebelar-se contra as transgressões éticas de que são vítimas cada vez mais sofridas.”(FREIRE, 1996, p. 52).

O contemporâneo tão temido Paulo Reglus Freire nos aponta um norte, um caminho para tentarmos superar este ensaio sobre a cegueira ao que é moral, ordeiro, empático e até humano: resistência.

O ato de ensinar é resistência e uma parte relevante nesse movimento está sob os ombros dos professores, mas num olhar muito além do currículo prescrito. Se apropriar das diferentes dimensões e natureza do saber, afinal, “ensinar exige apreensão da realidade”. (FREIRE, 1996, p. 35).

Entrar em uma sala de aula e cultivar esperança de um futuro mais digno, onde seja possível sonhar em ser além do profissional, além de ter um emprego, mas fazer prosperar a possibilidade de estar onde um dos seus nunca esteve, de provar a autonomia e da chance de proporcionar um pouco dela aos seus amados. Pode soar meio utópico, mas é



a realidade de tanta gente abastada, seja de dinheiro, seja de poder, e por qual motivo não ser uma meta nossa e de nossos alunos, dos, com nossa ajuda, abastados de criticidade, intelectualidade, de lógica, não deixando essa marginalização da esperança se alojar em nosso racional. Como nos traz Freire:

O discurso da acomodação ou de sua defesa, o discurso da exaltação do silêncio imposto de que resulta a imobilidade dos silenciados, o discurso do elogio da adaptação tomada como fado ou sina é um discurso negador da humanização de cuja responsabilidade não podemos nos eximir. A adaptação a situações negadoras da humanização só pode ser aceita como consequência da experiência dominadora, ou como exercício de resistência, como tática na luta política. Dou a impressão de que aceito hoje a condição de silenciado para bem lutar, quando puder, contra a negação de mim mesmo. Esta questão, a da legitimidade da raiva contra a docilidade fatalista diante da negação das gentes, foi um tema que esteve implícito em toda a nossa conversa naquela manhã. (FREIRE, 1996, p. 39)

Fechar os olhos e negar a existência de necessidades básicas na realidade diária de crianças e adolescentes que, em cenários de miséria, não podem minimamente desfrutar de um lugar seguro para repousar suas cabeças, quiçá realizar três refeições diárias é ir de encontro com a essência da pedagogia, da escola e equidade que tanto buscamos. E enquanto o currículo for construído sem a possibilidade entre um diálogo na mesma língua entre as partes envolvidas, os pobres não enxergarão suas identidades nessas políticas, que acabam se tornando uma grande promessa vazia de cuidado, proteção e oportunidade, como afirma Arroyo (2015, p.12):

(...) Logo, esses currículos não dialogam com os(as) pobres ou com a pobreza, nem para entendê-la nem para que os(as) pobres compreendam sua própria condição. Os currículos têm ignorado a pobreza e os(as) pobres como coletivos, e isso resulta exatamente no oposto do que se promete, pois contribui para manter os indivíduos atolados em formas de viver distantes.

Continuando a pensar numa proposta ideal, enquanto o currículo for idealizado sem a devida preocup(ação) com práticas sustentáveis pelos municípios e estados, com o suporte do governo federal, objetivando uma sociedade efetivamente democrática e que, no mínimo, nossos jovens tenham acesso ao conhecimento, à esperança, ao sonho, ele ainda será um projeto rachado. O fortalecimento das identidades, culturas e origens, desses jovens, a valorização da vivência popular e geração de oportunidades dentro de zonas esquecidas, é um caminho, pois senão teremos circulando pelas nossas escolas um mero calhamaço de regras, orientações e práticas impraticáveis de modo efetivo, eficiente e tão pouco eficaz, ampliando o fosso da tecnologia, da educação, da oportunidade, da empatia e das relações humanas, como enfatiza Miller ao dizer:



Peço encarecidamente, então, que abordemos nosso trabalho em currículo como seres humanos que diariamente reconhecem sua própria incoerência, incompletude e os aspectos sempre necessariamente em-construção do currículo bem como a relacionalidade das identidades. Fazendo isso, podemos desenvolver juntos novas análises e insights interseccionais – de fato, o trabalho de teorização de currículo – que reconheçam e honrem a incognoscibilidade que habita diariamente cada faceta do educar. Tal trabalho pode fornecer respostas provocativas e generativas, não apenas para as atuais abordagens de engenharia da educação, mas para qualquer um que possa perguntar: “o que aconteceu com a teoria de currículo?”. (MILLER, 2014, p. 19)

Essa mudança, como podemos notar, precisa ser além de vertical, também precisa ser horizontal. É fundamental que especialistas no cotidiano escolar participem dessa construção de modo consciente, tanto pedagogicamente, mas, principalmente, sob a égide do nosso próprio inacabamento como pesquisadores e seres humanos, sem em nenhum tempo deixar de lado que educar é essencialmente um processo de humanização.

Sabemos que este termo tem aparecido com frequência neste texto, mas em tempos onde indivíduos que se dizem educadores “acham prudente” carimbar estudantes para que não repitam a merenda, não custa nada reforçar a importância de viver tendo em mente as fragilidades, necessidades, alegrias e tristeza do nosso estado.

Figura 4 – Alunos afirmam que escola de Planaltina, no DF, carimba mão para que estudantes não repitam merenda



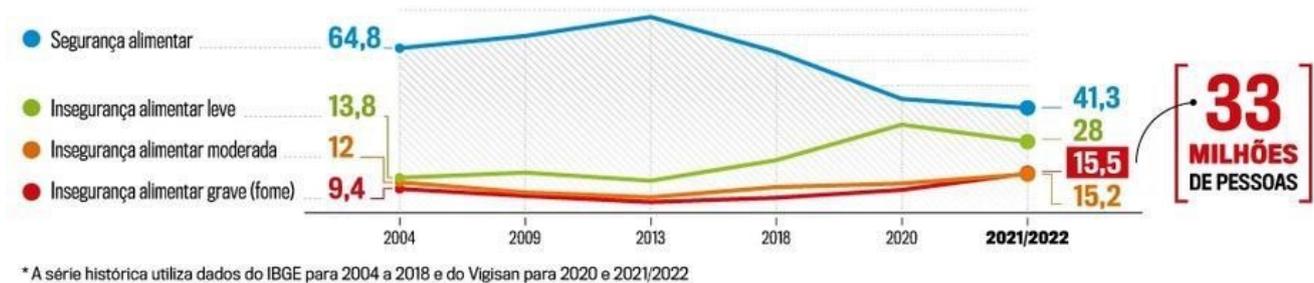
Fonte: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/09/09/alunos-dizem-que-sao-carimbados-para-nao-repetir-merenda-em-escola-publica-de-planaltina-no-df.ghtml>

Sendo empáticos, precisamos reforçar o óbvio e ficar atentos para que movimentos que tentam isolar ainda mais os indivíduos carentes, forçando um apagamento de suas existências até que um certo dia não se leve mais em consideração tratar sobre políticas públicas direcionadas aos que não existem. Um movimento que, por mais que soe agressi-



vo e até inacreditável, tem aumentado suas forças, exemplificadas por falas do tipo “Olha, quem recebe R\$ 400 por mês de Auxílio Brasil pode ter dificuldades, mas fome não passa..”, proferida pelo senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) em 08 de junho de 2022. Tal fala relativiza o Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil, divulgado pela a Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (EBIA), cujo resultado apontou que 33,1 milhões de pessoas têm convivência com a fome no país.

Figura 5 – Insegurança alimentar por região do Brasil



Fonte: <https://veja.abril.com.br/wp-content/uploads/2022/07/arte-fome.jpg>

Na era da pós-verdade e fatos sendo diluídos em medidas abundantes de notícias falsas, esse artigo deixa o registro memorial de como situações delicadas podem tomar proporções complexas.

## Considerações finais

Os tempos atuais são sombrios.

A pandemia de Covid-19 trouxe à realidade o processo de aproximação entre a escola física e virtual de maneira muito acelerada e ninguém estava preparado para este cenário. Políticas públicas frágeis, escolas sem estrutura, famílias chorando seus mortos e estudantes perdidos em meio ao caos social.

A tecnologia mais uma vez é apresentada como a solução para os problemas educacionais do país e sim, ela é uma ferramenta poderosa quando bem aplicada, mas sendo mandatório compreender como se dá sua aplicabilidade na realidade escolar, principalmente quando falamos de escolas públicas de educação básica e de fosso digital.



Computadores, notebooks, tablets, smartphones, pacote de dados, 3G, 4G e 5G, não compõem o hall de necessidades básicas no cotidiano de responsáveis destes estudantes quando vivemos uma crise alimentar no Brasil. E em busca de pilares mais honestos e sólidos que suportem uma pedagogia realista, propõe-se uma ruptura nas propostas neoliberais de educar e, durante essa jornada rumo ao mundo ideal da pedagogia, o fomento ao mão na massa por parte de quem efetivamente faz a escola e apenas lucra com ela através de seu fortalecimento como meio para a democracia, como ponto de partida para debates onde a liberdade, criticidade e igualdade sejam pautadas na humanidade e seu desenvolvimento integral, além das perspectivas que a política têm, que é ter mais uma safra de massas a serem manobradas ao seu bel prazer.

Frente a isto, um projeto de governo que declaradamente invisibiliza o pobre e suas demandas, age de forma desnaturada para que caminhemos anestesiados, sejam nas operações em comunidades que matam o já conhecido perfil do meliante, preto, ou nas filas de espera por prevenção ou tratamento contra câncer, segunda doença que mais mata no país, cujos investimentos foram cortados em 45%, saindo de R\$175 milhões para R\$97 milhões em 2023. Tudo isso para alimentar o monstro das emendas parlamentares, as quais vêm se esforçando brutalmente para se tornar a primeira doença que mais ceifa nossa população.

Dinheiro é sinônimo de força e os mais fortes sobrevivem. A lei da natureza torta do inominável e seus discípulos.

Mas em meio a tudo ainda, convivemos hoje com uma proposta interessante sobre futuro, protagonismos, identidade social advinda dos itinerários formativos e suas possibilidades de futuro, mas que acaba se esfarelando nas mãos, quando a fome bate à porta de crianças e jovens, que com sua estrutura física, psicológica e cognitiva enfraquecidas, ficam à mercê de qualquer projeto de sonho que lhe seja apresentado, afastando mais ainda as possibilidades da apropriação do seu próprio sonho, do seu próprio futuro, como um prato cheio de nada nutritivo, nem em alimento, nem em estrutura.

São muitas barreiras, mas há luz nesse túnel. A esperança de uma pedagogia onde cada passo é pensado de maneira humanizada, objetivando unicamente o ser humano e em como nós, professores, podemos e devemos nos cercar de outros esperançosos, para que a escola seja um espaço de crescimento e autonomia, construído para alimentar os seus em conhecimento, criticidade e possibilidade para futuros onde a fome seja apenas por saber, afinal, o ingrediente ideal para tornar o futuro melhor do que o passado é alimentar sonhos e objetivos maiores do que nossas frustrações.



## Referências

- ANDRADE, E. F. S.; ARRUDA, A. L. B. **Relação entre Educação e Pobreza no Brasil: algumas notas**. In: GARCIA, Adir Valdemar ... [et al.] (Organizadores). Reflexões sobre a pobreza : educação e assistência. Florianópolis: UFSC, 2017.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. **Caderno Digital - Módulo V: Pobreza e Currículo: uma complexa articulação**. 2015. p. 12 – 19. Disponível em: <<http://catalogo.egpbf.mec.gov.br/modulos/pdf/modulo4.pdf>>. Acesso em: (21 set. 2022).
- BOLSONARO assina projeto que regulamenta educação domiciliar**. Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/educacao-domiciliar>. Acesso em: 14 set. 2022.
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 13 jul. 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 17 set. 2022.
- \_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular–BNCC**. Ensino Médio. MEC/CNE, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf) Acesso em: 21 set. 2022.
- Dayrell, Juarez. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. Educação & Sociedade [online]. 2007, v. 28, n. 100. Disponível em: (<https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt>). Acesso em: 22 set. 2022.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.
- MILLER, J. L. **Teorização do currículo como antídoto contra/na cultura da testagem**. Revista e-Curriculum, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 2043-2063, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/download/21679/15952/0>. Acesso em: 12 set. 2022.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília – DF, 2018. Disponível: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_verseofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_verseofinal_site.pdf). Acesso em: 16 set. 2022.
- PEREIRA, W.J.; TRANJAN, P. **Orientação Pedagógica para trabalho com projeto de vida enquanto componente curricular**. Coordenação de ensino médio em tempo integral, MEC.



PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar. Portal do FNDE. Disponível em: <<https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/pnae>>. Acessado em 27/09/2022

SENADO, Agência. **Nova lei garante alimentos da merenda escolar a alunos sem aula.** Brasília, 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/04/08/no-va-leigarante-alimentos-da-merenda-escolar-a-alunos-sem-aula>. Acesso em: 24 set. 2022.

SEVERO, J. L. R. L. **Pedagogia da Ruptura: ocupando as margens do ensino remoto para criações didático-curriculares.** Revista Espaço do Currículo, v. 14, n. 1, p. 1-5, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/56411/33303>. Acesso em: 15 set. 2022.

SOUZA, Felipe. **Ensino remoto na pandemia: os alunos ainda sem internet ou celular após um ano de aulas à distância.** BBC News Brasil, São Paulo, mai. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56909255>. Acesso em: 19 set. 2022.

XAVIER, Getúlio. **Flávio Bolsonaro diz que quem recebe Auxílio Brasil não passa fome; pesquisador desmente.** Carta Capital, Brasília, jun. 2022. Disponível em: <https://www.carta-capital.com.br/politica/flavio-bolsonaro-diz-que-quem-recebe-auxilio-brasil-nao-passa-fome-pesquisador-desmente/>. Acesso em: 17 set. 2022.

Recebido em: 29/09/2022

Aceito em: 19/12/2022